

Começa a limpeza do Paranoá

Caesb inicia despoluição retirando aguapés do lago

MARCUS OTTONI

A Companhia de Água e Esgotos de Brasília (Caesb) dentro do convênio assinado recentemente com o Departamento Nacional de Obras de Saneamento (DNOS) deu início, na tarde de ontem, à operação de retirada dos aguapés que vêm infestando o Lago Paranoá. Uma máquina tipo escavadeira foi adaptada para recolher as plantas aquáticas localizadas nas margens do lago e ela continuará em atividade até a aquisição de um equipamento mais moderno por parte do Governo do Distrito Federal, o que deverá ocorrer nos próximos meses.

Os aguapés, conforme informou João Augusto Burnett, membro do grupo antipoluição da Caesb, tem crescido nos últimos anos em virtude da grande quantidade de nutrientes, particularmente nitrogênio e fósforo, despejados diariamente no lago pelas duas usinas de tratamento da rede de esgoto da Caesb, localizadas uma na parte sul, nas imediações da Ponte Costa e Silva, e outra na parte norte. Nestas áreas, em determinadas épocas do ano, os aguapés conseguem formar um tapete verde de alguns hectares de superfície, trazendo dificuldades operacionais à própria Caesb, contribuindo também para diminuir a taxa de oxigênio na água e para a morte de milhares de peixes.

Ainda segundo o engenheiro da Caesb, o aguapé em si não é o maior mal verificado no lago e ele acaba sendo um elemento perturbador somente quando leva-se em consideração que o represamento das águas no Plano Piloto deveu-se basicamente à criação de opções na área de lazer e à uma orientação de ordem urbanística.

Nesse sentido, mesmo considerando-se que ele tem capacidade para absorver certos nutrientes como fósforo e nitrogênio e, assim contribuir para despoluir o ambiente, o Governo do Distrito Federal decidiu não admitir que o aguapé tome conta de uma área cada vez mais crescente do lago.

A Caesb, como admitiu João Augusto Burnett, ainda não tem uma noção exata do tempo necessário para acabar com os aguapés, até mesmo porque esta previsão fica dependente da aquisição de equipamentos mais modernos para operar, sobretudo, nas margens de difícil acesso do lago, bem como em sua área central. Para esta tarefa é necessária uma de balsas especial que possa ser transformada em uma espécie de draga. Atualmente a Caesb já está fazendo estudos para adquiri-la.

A poluição, de acordo com João Augusto Burnett, vem aumentando significativamente a cada ano e este fenômeno já começa a preocupar a Caesb. O exemplo mais nítido desta tendência é dado pelo consumo crescente do sulfato de alumínio, utilizado para combater a alga *microcystis aeruginosa*, que em 1978 foi responsável pelo cheiro podre que invadiu todas as quadras instaladas à altura das 400. Em 1982 — acentua o engenheiro —, para combater esta praga a Caesb gastou 3.500 quilos de sulfato; em 1983 este número ampliou-se para 5.800 quilos, sendo que esta última marca já foi superada em julho deste ano.

A alga *microcystis aeruginosa* normalmente sobe à superfície e, em grande quantidade, ela praticamente impede a passagem da luz solar, aniquilando as algas comuns em lagos artificiais e que normalmente ficam no fundo da água. Com isso, elas apodrecem e passam a liberar um cheiro insuportável em uma área de grande extensão.

Atualmente as duas usinas de tratamento da Caesb despejam por segundo no lago aproximadamente 1000 litros de esgoto, das Asas Sul e Norte. Explicando que a Caesb instalou seus equipamentos com o objetivo principal de aniquilar os microorganismos maléficos à saúde humana, João Augusto Burnett reconheceu que anualmente o lago recebe uma carga de aproximadamente 500 toneladas de fósforo, suficientes para adubar uma área de mais de 100 hectares de solo de cerrado.

De acordo com o engenheiro da Caesb, atualmente já existem equipamentos que dão condições para separar das águas de esgoto o nitrogênio e o fósforo, mas os mesmos dificilmente serão implantados em Brasília a curto prazo pelo seu alto custo. A tecnologia — segundo Burnett — ainda não é dominada plenamente no Brasil.

Para alertar a população contra a poluição, a Caesb pretende colocar algumas placas de advertência a banhistas em áreas consideradas perigosas, onde já se registram índices elevados de microorganismos que provocam moléstias como desintéria, hepatite e tifoide. As áreas mais atingidas situam-se entre a usina Tratamento da Caesb, no Lago Sul até a Ponte Costa e Silva e em área similar localizada na usina do Lago Norte. As partes onde não existem qualquer risco de contaminação ficam no braço da Granja do Torto e na parte central do lago, onde funcionam os mais importantes clubes da cidade.